

APRESENTAÇÃO

Para finalizar este ano em que comemoramos o centenário de nascimento de José Saramago (1922-2010), e em homenagem aos trinta anos da publicação de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a REVEC apresenta o dossiê “O Evangelho Segundo Saramago”, organizado pelos professores Jaime Bertoluci (Instituto de Estudos Avançados, USP) e Jean Pierre Chauvin (Escola de Comunicações e Artes, USP). De acordo com os organizadores, as polêmicas em torno deste célebre romance dividiram a opinião pública e pausaram um debate acalorado de caráter moralista que se estendeu para além do Parlamento Português.

Apesar das tentativas de boicote à circulação do livro, a obra ganhou repercussão internacional e pavimentou a conquista do Prêmio Nobel sete anos depois. Este dossiê apresenta alguns textos inéditos, decorrentes de uma série de palestras proferidas em dezembro de 2021 durante o webinar “O Evangelho Segundo Saramago” — patrocinado pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo —, sendo enriquecido por contribuições de outros especialistas em sua obra. A iniciativa contou com o apoio da Fundação José Saramago e integrou as atividades comemorativas do centenário do autor.

O texto de abertura, “O Evangelho de Saramago: a Paixão de Cristo em Perspectiva”, assinado por Marlise Vaz Bridi, concentra sua interpretação na gravura “Crucificação de Cristo”, de Albrecht Dürer. Ao longo do artigo, são estabelecidos pontos de comparação entre a pintura e a escrita como métodos análogos de composição. Conforme a autora, foram também levados em conta diversos símbolos relacionados à narrativa bíblica.

Em “Deus e Pastor: uma questão de sintaxe”, Jean Pierre Chauvin discute acerca dos artifícios empregados por José Saramago na construção de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Conforme o autor, o romance sugere questionamentos ao teor das escrituras e coloca em dúvida o caráter abstrato e ficcional dos dogmas em geral, e da mitologia cristã em particular.

No artigo seguinte, “É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue”, Jaime Bertoluci apresenta excertos de *O evangelho Segundo Jesus Cristo* nos quais o autor desperta a compaixão do leitor pelos animais utilizados em sacrifícios rituais entre os judeus antigos, salientando, ao mesmo tempo, a pobreza das razões humanas para confiar nesses atos sangrentos e a inocência das vítimas imoladas inutilmente, incluindo aí a do próprio Jesus de Nazaré. O autor ainda discute brevemente a decisão do Supremo Tribunal Federal no julgamento da constitucionalidade das práticas de sacrifício de animais em cultos de religiões de matriz africana.

Em “O fator Deus em José Saramago”, de Porfírio Pinto, o autor afirma que José Saramago se reconhece como um produto do cristianismo e tem consciência de que milhares de seres humanos acreditam em Deus, ou no transcendente. Assim, a sua luta não é com Deus — que para ele não existe —, mas com seus intermediários: as religiões e os líderes religiosos.

O dossiê se encerra com “O Evangelho Segundo Jesus Cristo ou Uma Possibilidade de Humanismo”, de Pedro Fernandes de Oliveira Neto, que busca compreender textualmente as bases do que, desde as primeiras leituras de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), se passou a denominar humanismo. Segundo o autor, dos instantes iniciais da concepção do seu primogênito à morte na cruz, passando pelos papéis de companheiro, pai, e o convívio com os rebeldes de Séforis, o que José inaugura é a formação de uma consciência de si e sobre o outro, abrindo a possibilidade para a natureza do homem como medida de todas as coisas, modelo que melhor se configura no desenvolvimento de Jesus no segundo movimento da narrativa.

A seção de artigos submetidos em fluxo contínuo começa com “Roteiro Cultural de Campo Redondo – RN: possibilidades de apropriação do patrimônio cultural”, assinado por João Freire Marinho, Pedro Galdino da Silva e Eduardo Cristiano Hass da Silva, que buscam identificar possibilidades de apropriação do Patrimônio Cultural do município de Campo Redondo/RN pelo Turismo Cultural. Segundo os autores, o estudo mobiliza os conceitos de patrimônio cultural, cidades e roteiros culturais, fundamentados a partir do Turismo Cultural e da História.

“Entre Marianne e Clotilde”, de Francisco de Assis de Sousa Nascimento e Joel Marcos Brasil de Sousa Batista, analisa as representações imagéticas da mulher como símbolo do regime republicano fabricadas durante os primeiros anos da República (1889–1896) e como elas estavam relacionadas com a realidade feminina, investigando as semelhanças e diferenças dessas representações simbólicas com os modelos da propaganda da república francesa. Para os autores, a pergunta norteadora deste artigo foi: o porquê de a representação feminina ter sido construída como símbolo na propaganda republicana? Como fontes históricas, foram usadas as pinturas *La liberté guidant le peuple* (1831), *La République* (1848), *Glória e Pátria* da *Revista Ilustrada* (1889) e *Alegoria da República* (1896).

“Tipografias e Impressos Protestantes no Brasil”, de Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento e Josué dos Santos Alves, investiga sete catecismos protestantes, evidenciando as tipografias responsáveis pela produção e edição das fontes analisadas, ao mesmo tempo em que destaca a importância desses prelos como produtores de impressos e difusores de obras que contribuíram para a inculcação de valores morais e de saberes educacionais e religiosos em parte da população brasileira. Segundo o(a)s autore(a)s, foi possível concluir que a disseminação de obras e a criação de tipografias por missionários norte-americanos contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento da imprensa protestante e, conseqüentemente, brasileira.

O artigo seguinte, “Intersecção entre produção literária e ensino na trajetória da professora e escritora Conceição Ouro Reis no Colégio de Aplicação da UFS (1973-1991)”, assinado por Alfredo Bezerra dos Santos e Joaquim Tavares da Conceição, trata da trajetória da professora e escritora Maria da Conceição Ouro Reis, considerando sua formação e atuação profissional e destacando a intersecção entre produções literárias e ensino, especialmente implicados no exercício do magistério do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Conforme os autores, a pesquisa levantou diferentes tipologias de fontes nos acervos do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação e da Academia Literária de Vida, além de acervos pessoais e captação de relatos orais. A professora Conceição Ouro inseriu no ambiente escolar experiências práticas, sem abrir mão da escrita, primeiro contando com sua própria produção, depois orientando o alunado a realizar tarefas de escrita, levando-o a gestos autorais.

Fechamos a nossa edição com o artigo “O direito à diversidade linguística e a promoção do respeito linguístico”, assinado por Marcus Garcia de Sene e Aline Martins Silva, que buscam refletir sobre a variação linguística. Para tanto, discutem sobre a variação como um aspecto inerente ao sistema linguístico e, na sequência, qual o entendimento sobre diversidade linguística na Declaração dos Direitos Linguísticos e de que forma essa discussão pode ser refinada de modo a incorporar não só a diversidade entre línguas que compõem o território brasileiro, mas também a inclusão da variação linguística dentro do português brasileiro.

Tenham todo(a)s uma excelente leitura!

Luiz Eduardo Oliveira

Editor-Chefe

